

OFÍCIO LITERÁRIO

POEMAS DE UMA BULA DE REMÉDIO:

MÃOS À OBRA

Por Reynaldo Bessa

Sempre nos últimos encontros das minhas oficinas de escrita criativa que ministro em São Paulo, interior e outros estados, no tópico Poesia, onde já discorri sobre a forma, o conteúdo, a métrica, figuras de estilo, estruturas, rimas (aba, bcb, cdc, ded e assim por diante), ritmo (esse maldito), e etc... Proponho aos alunos um exercício: fazer um poema de uma *Bula de remédio*. Depois da proposta, passeio os olhos pela sala e logo vejo todo o afã poético esvaindo-se, escorrendo pelo chão, saindo pelas janelas, feito pássaros assustados. Vou em frente. Repasso-lhes, então, uma *bula* – trago sempre várias comigo e nunca dou a mesma a todos os alunos = peço-lhes então que façam o *poema*. Com um sorrisinho no canto da boca, digo-lhes ainda: com exceção dos conectores (*palavras ou locuções que servem para ligar ideias ou orações, permitindo construir frases: e, mas, porém, embora, no qual e etc.*), não inventem outras palavras. Quero apenas as palavrinhas que estejam nesse papelzinho vertiginoso.

Não fui o primeiro maluco a propor essa loucura. Existiram muitos outros loucos antes de mim e continuarão existindo muitos depois. Bom, insisto. Vamos! Convoquem a voz da *outridade*. A voz do outro que é você mesmo. E mãos à Obra. (literalmente)

Mas mesmo após ter falado um pouco sobre a história da Poesia e suas ferramentas, e suas possibilidades, e as escolas, as rupturas, os equívocos, os poetas, e tudo mais, ainda lhes apresento um pequeno guia de como iniciar esse ritual maluco da criação:

1-leitura da bula:

Não precisa ler toda a bula, um leitor sabe aonde ir. É como o garimpeiro que não perde tempo com algumas pedrinhas simplesmente porque brilham. Ele sabe.

2-seleção de algumas palavras:

Dispneia, constipação, diarreia, morte, óbito, fome, dose, posologia, sede, cefaleia, vômito, gravidez, lactação, efeitos colaterais, hemorragia, (todas essas coisinhas assombrosas podem surtir grandes efeitos)

3-descobrir seus significados:

Use o dicionário para construir um sentido ou invertê-lo ou mesmo subvertê-lo. A criação, a imaginação e a intuição são as diretrizes. Um grande escritor já disse: Os grandes escritores têm a sua língua, os medíocres têm a sua gramática.

4-organizá-las numa estrutura:

Depois de escolher algumas palavras, monte-as, palavra a palavra. Verso a verso. Defina a forma, o conteúdo: a métrica, o tema e o assunto.

Não confunda Assunto com Tema:

Assunto: aquilo de que fala concretamente o texto. **Tema:** abstração do assunto, a ideia que depreendemos dele.

5-leitura: (em voz alta para saborear as palavras, ver o que fica preso entre os dentes, as travas, os entraves, os deslizos, ressaltar e azeitar a fluência do texto)

E com decidida benevolência, cito o poema tirado de uma notícia de jornal, do Manuel Bandeira:

“João Gostoso era carregador de feira livre e
no morro da Babilônia num barracão
sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou

Depois se atirou ba lagoa Rodrigo de Freitas e
morreu afogado”

**Estou citando o poema do Bandeira como um exemplo das possibilidades existentes do ofício da escrita, ou simples exercícios poéticos. Acho o poema genial, mas sinceramente hoje, eu tiraria o “morreu afogado” e assim o deixaria aberto a várias leituras e possibilidades: o que poderia ter acontecido? João suicidou ou simplesmente morreu ou apenas pulou na lagoa para tomar um belo banho depois de uma noite intensa?*

Mas voltando aos alunos após a minha proposta, por um tempinho ainda ouço o marulhar de ondas internas das inquietações dos aspirantes a poeta. Há barulho do arrastar de cadeiras, rasgar de folhas de cadernos, e de repente, surge um pequeno motim: alguns dizem que é impossível, outros afirmam que isso é chato, outros reforçam que não há poesia numa bula, e outros dizem que só há tédio numa receita de remédio, outros se coçam, e outros, aqueles que só vão escrever poemas quando o mundo acabar, nem tentam, ficam lá no canto com o atestado da desistência pregado bem no meio da testa. Remem! Remem! Continuo. Apesar do burburinho, do terrorismo, a despeito de alguns “poetas” continuarem achando mesmo que só há

poesia nas pétalas de uma flor, num céu azulzinho, num pôr do sol, no amor, ou coisas do tipo, no final acabam saindo coisas incríveis. E aí ficam espantados, animados, e agora querem fazer poesia até de uma *Abreugrafia* (e digo-lhes que é uma excelente proposta).

Digo-lhes que se acham isso impossível, o tornem possível, (como dizia o grande Muhammad Ali: impossível é apenas uma palavra). Não sigam o caminho, e sim, criem novas trilhas, se acham que é chato; vão brincar no *Beach Park*, e desistam de fazer poemas, se acham que não existe mesmo poesia em uma bula de remédio não a encontrará em lugar nenhum, e para aqueles que acham que só há tédio nessas palavrinhas duras, herméticas, antipáticas, sangrentas, cheias de vertigem, eu digo: Ah, o tédio, *Stendhal* falava disso em todas as páginas, *Flaubert* dedicou livros inteiros ao assunto, e *Baudelaire*, oh, o poeta das *Fleursdu mal*, esse foi o grande autor do tema. O tédio. Ele virou-o do avesso e o lambeu logo em seguida. Dele, fez um lindo *buquê*.

É claro que no final, depois de conhecer todos os frutos dessa linda viagem louca, eu mostro o meu poema.

poema construído de uma bula de remédio

(Reynaldo Bessa)

*vômito

Indigestão, náusea, diarreia
depressão, vertigem, cefaleia
convulsão, flatulência, dispneia
obstipação, asma, apneia
óbito.

O primeiro ponto a se observar no poema é a disposição do mesmo na página. Ele tem a forma de um frasco. A palavra **vômito ilustra a tampa e **Óbito**, a sua base. No meio, a maior parte da composição: as palavras-cápsulas. E todas elas formando a síntese do pensamento, da mensagem, ou seja, “não tome”: contra indicado. Uma crítica sutil (se é que isso é possível) à indústria e ao mercado dos laboratórios farmacêuticos.*

*A primeira coluna rimando com o verso seguinte dessa mesma coluna, assim também com a terceira coluna, e a do meio sem rima alguma, para quebrar a monotonia, a estabilidade e assim dar o ritmo e revelar a fluência, e ressaltar a sonoridade do texto. Sem falar na métrica (técnica de compor versos seguindo um metro: considerando as sílabas gramaticais de cada verso, as elisões e as crases poéticas, entre outras coisas) Por final, **Óbito** fecha o poema de modo brusco, no próprio sentido da palavra: fim, morte, ponto final, sem mais palavras, acabou. Ou seja, não só podemos fazer um poema de uma bula de remédio como é também possível até fazê-lo como uma **anti-bula**. É isso. Até a próxima.*

REYNALDO BESSA (SÃO PAULO/RIO GRANDE DO NORTE) – Escritor e Músico. É autor de vários livros e discos. Entre os livros destaque para Outros Barulhos (Poemas, Prêmio Jabuti de 2009) e entre os discos destaque para O Som da Cabeça de Elefante.